ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL
Empreza do jornal O SECULO

José Joubert Chaves
EDITOR

Toda a correspondencia relativa a esta publicação deve ser dirigida com o endereço ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA—LISBOA

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photogravura, zincographia, stereotypia, typographia e impressão —Rua Formosa, 43—*LISBOA*

PRIMEIRO ANNO | *SEGUNDA FEIRA, 7 DE DEZEMBRO DE 1903* | *NUMERO 5*

S. M. A RAINHA MARIA CHRISTINA E SEU FILHO D. AFFONSO XIII, NA EDADE DE 3 ANNOS

CHRONICA

Boas vindas

Lisboa veste-se de galas, revolve-se, limpa-se, deseja ter uma feição civilisada e um ceu mais azul do que nunca para receber nos seus muros o rei de Hespanha, que vae chegar com a sua comitiva n'uma visita diplomatica e amiga, visita de solidariedade e affecto, applaudida por todos nós, que amamos esse paiz de onde elle vem e onde elle reina, paiz de sol e de estonteamento, de tradições e de bravuras, paiz onde os nomes são tão compridos como as laminas dos velhos montantes, que mais de uma vez se cruzaram com espadas portuguezas sem desdouro de lado a lado.

Aquelle velho castello de S. Jorge, que além campeia sobre a cidade, dominador e valente, como nos tempos em que o Tejo lambia as muralhas da cidade e elle era o reducto inexpugnavel, do alto do qual choviam flechas e se disparavam as béstas sobre as mesnadas de Castella forradas d'aço, valorosas e bravas, vae abrir as suas portas ao rei de Hespanha n'uma alegria que muito grata é a esta cidade, na qual o joven monarcha vae entrar com o seu sequito, entre palmas, vivas e flôres, entre homenagens á sua qualidade de soberano amigo, á sua juventude e á sua graça, á sua lembrança de escolher para a primeira sahida do seu reino, para a sua primeira viagem, a terra confinante dos seus reinos e onde os corações palpitam n'uma anciedade de boas relações e de santos affectos.

Lisboa veste-se, pois, de galas, engrinalda-se, cobre-se de manto rico para condignamente receber aquelle que preside aos destinos de Hespanha e que no seu salão de luxo, lançado n'um temeroso galope atravez as serranias e as povoações, saudado por uma nação, vae entrar n'ella pela porta onde as quinas de Portugal se devem collocar ao lado dos leões castelhanos, n'uma solidaria e estreita fraternidade da garra que feriu com a pedra retalhada, n'um contacto perenne de irmãos que se digladiaram e que por fim se uniram.

Vae longe o passado, que é um velho, uma voz que se perde e se afoga nas distancias, e o presente vive intenso e forte, a ligar dois povos na ligação dos seus soberanos.

No fundo, o nosso amor pela Hespanha foi sempre latente e isso notava-se quando na tregua se faziam allianças, quando, nos momentos terriveis da nossa nacionalidade, ella nos enviava soccorros depois de nos enviar balas. D'um lado e outro bateram-se hostes sem desdouro; e hoje os descendentes d'esses bravos estendem as mãos para um aperto amigo e eterno.

Recordar é bom quando os ruins momentos passaram e se fez a reconciliação. De ha muito estamos reconciliados, de ha muito de lá nos chamam irmãos!

Os de Hespanha, que por cá mourejam, entre nós encontram acolho, carinho, amisade. E' que existe uma coisa mais forte do que as querellas, do que as disputas, do que as ambições. São os laços de sangue, d'esse sangue que corre nas nossas veias e nas d'elles, que vem de mouros e vem de godos, dos romanos e dos suevos, sangue que tingiu as pedras dos dois reinos e salpicou os dois estandartes, mas que por fim se conteve a aquecer os corações e a fazel-os palpitar n'uma fraternal ancia.

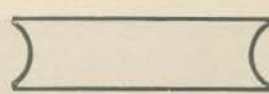
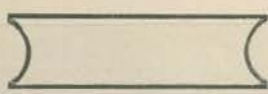
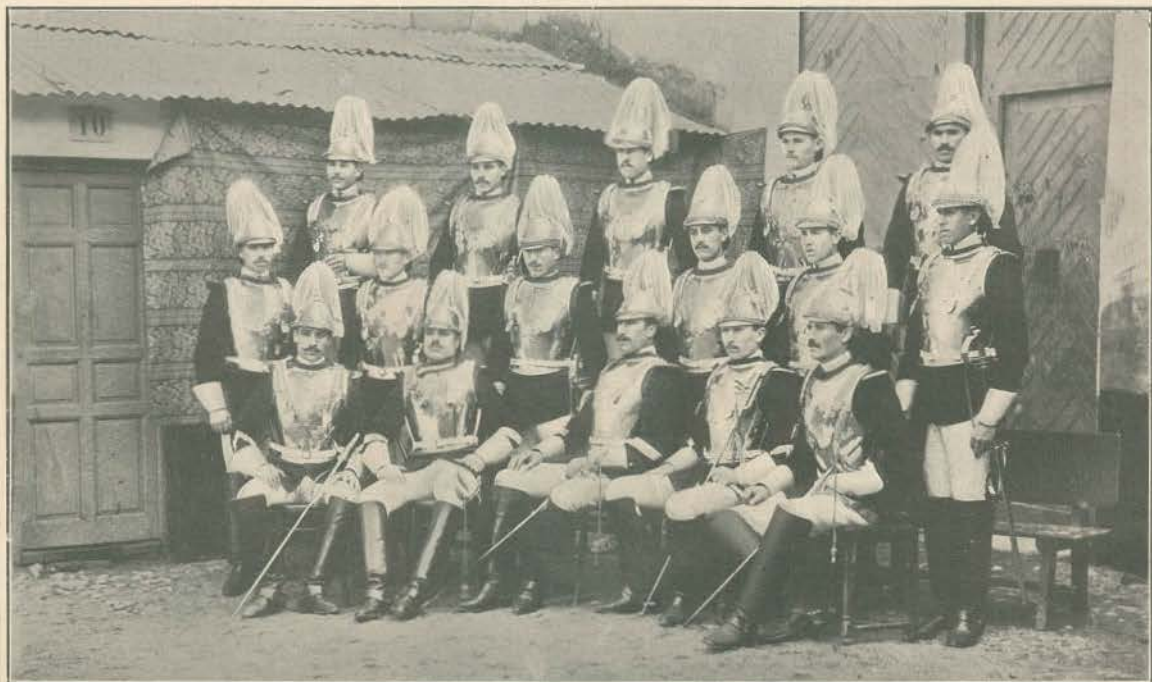
O rei de Hespanha vae chegar e o Portugal de hoje prepara-se para o receber com todo o carinho, com toda a ternura, prepara-se para o guardar como hospede e para o saudar a vincar-lhe na alma adolescente uma inapagavel recordação.

*

Essa recordação será tanto maior, quanto é certo que o Livro d'Ouro da cidade vae ser inaugurado com o seu nome; e esse Livro dos fastos ficará entre nós como o penhor de uma intensa amisade e de uma soberana affeição.

Dentro em pouco o rei estará em Lisboa, passará nas ruas, onde nos descobriremos sob os arcos triumphaes das bandeiras de Hespanha e de Portugal unidas, como symbolos das almas de dois povos mais uma vez ligados, mais uma vez irmãos, povos que soffrem e calam os gemidos para soltarem os seus brados de festa, mas em cujos corações ha hoje esperanças de um futuro feliz n'este canto da Europa, áquem dos Pyrineus, áquem das barreiras de pedras que a neve toca nos seus pincaros e que o sol doura e vae rosear como a um baluarte gigantesco e sagrado a separar estas nações das outras, como a ligal-as mais entre si, apertando-as, unindo-as, irmanando-as.

ROCHA MARTINS.

1.º A escolta real a caminho do Prado.—2.º Aspecto geral do render da guarda no palacio real.—3.º O render da guarda de cavallaria no palacio real.—4.º O regimento n.º 6 de Saboya em marcha junto a S. Francisco o Grande.—5.º O render da guarda de infantaria no palacio real.—6.º O palacio do congresso.—7.º O ministerio da governação.

S. M. CATHOLICA EL-REI D. AFFONSO XIII — SEGUNDO PHOTOGRAPHIAS TIRADAS EM DIVERSAS EDADES.
1.º S. M. AOS 10 ANNOS COM O UNIFORME DE CADETE DA ACADEMIA DE INFANTARIA.—2.º S. M. AOS 14 ANNOS EM TRAJO DE CAÇA.—3.º S. M. AOS 6 ANNOS.—4.º S. M. COM O UNIFORME DE ASPIRANTE DE MARINHA AO LADO DE SUA MÃE.
5.º S. M. AOS 8 ANNOS.—6.º S. M. AOS 14 ANNOS COM O UNIFORME DE CADETE DA ACADEMIA POLYTECHNICA.—7.º S. M. AOS 14 ANNOS COM O UNIFORME DE ALMIRANTE.

A ESCOLTA DE EL-REI AFFONSO XIII EM GRANDE UNIFORME
SALA DO CONSELHO DE MINISTROS NO PALACIO REAL DE MADRID

GABINETE CARLOS III

RECORDAÇÕES DE MADRID — S. M. O REI DE PORTUGAL ATRAVESSANDO O TIRO AOS POMBOS

A ANTE-CAMARA DOS APOSENTOS DE S. M. CATHOLICA

SALA DAS TAPEÇARIAS

REAL PAÇO DE MADRID

O QUARTO DE CAMA DE AFFONSO XIII NO REAL PAÇO DE BELEM

REAL PAÇO DE MADRID

O REAL PAÇO DE BELEM ONDE SE VAE ALOJAR O REI DE HESPANHA

DON MIGUEL GONZALEZ DE CASTEJON
Tenente-coronel d'estado maior, instructor militar de el-rei

DON JUAN LORIGA
Tenente-coronel de artilharia, instructor militar de el-rei

DON LUIS MORENO GIL BORGA
Intendente geral da casa real de Hespanha

ROSENDO CARVALHEIRA
O architecto das obras do real paço de Belem

JOÃO VAZ
Pintor, auctor das marinhas que ornam as salas do real paço de Belem

GENERAL DON CAMILO POLAVIEJA
Marquez de Polavieja, chefe da casa militar de S. M. Catholica

DON PATRICIO AGUIRRE DE TEJADA
Conde de Andino, antigo chefe dos estudos e actual secretario particular do rei de Hespanha

DON SANTIAGO ALBA BONIFARY
Sub-secretario da presidencia do conselho de ministros em Hespanha

DON JUAN DE CASTRO
Consul de Hespanha em Lisboa

DON RAYMUNDO VILLAVERDE
Presidente do conselho de ministros em Hespanha

JORGE HIGAR
Creado de quarto de S. M. Catholica

DON MANUEL MARTITEGUI Y VINYALS
Conde de S. Bernardo e ministro dos negocios estrangeiros, uma das personagens da comitiva de el-rei D. Affonso XIII

DON CARLOS MANUEL MARIANO MARTINEZ D'IRUJO Y ALCAZAR VERA D'ARAGON
Duque de Sotomayor, mordomo-mór de S. M. Catholica

DON GAVINO BUGALLAL ARAUJO
Ministro de instrucção publica em Hespanha

DON EDUARDO COBIAN
Ministro da marinha em Hespanha

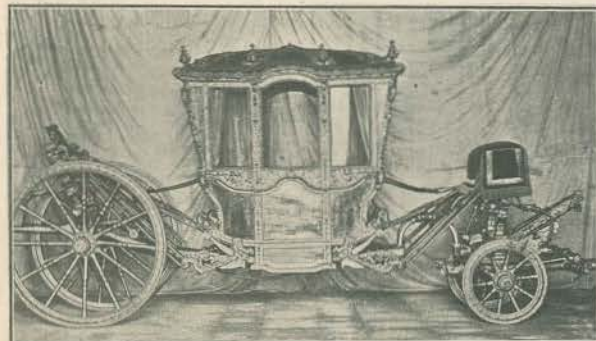
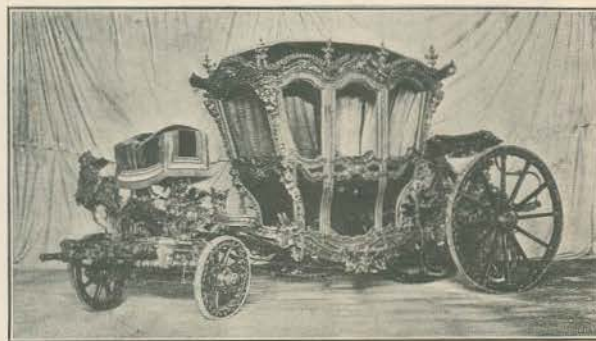
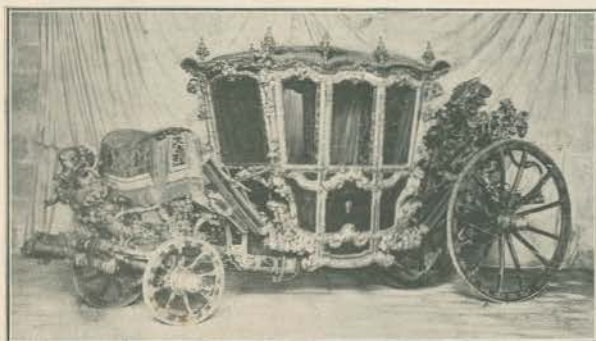
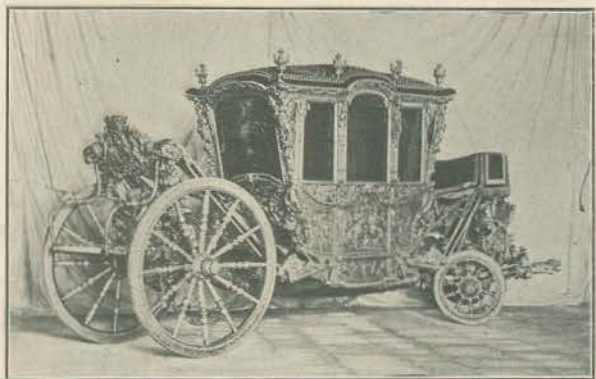
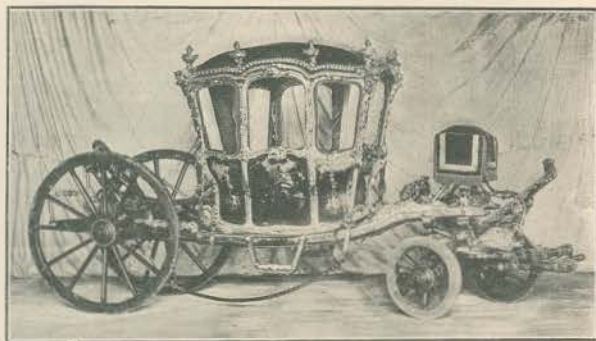
DON RAFAEL GASSET Y CHINCHILLA
Ministro das Obras publicas Agricultura Industria e Commercio de Hespanha

DON AUGUSTO GONZALEZ BESADA
Ministro da fazenda em Hespanha

S. M. CATHOLICA EL-REI D. AFFONSO XIII

A SALA DE GASPARINI NO REAL PALACIO DE MADRID

A SALA DO THRONO DO REAL PALACIO DE MADRID

S. M. EL-REI D. AFFONSO XIII COM SEU CUNHADO D. CARLOS DE BOURBON, PRINCIPE DAS ASTURIAS N'UM PASSEIO MILITAR

COCHES DE GALA QUE TOMAM PARTE NO CORTEJO DO REI DE HESPANHA

1.º COCHE D. AFFONSO VI, DE 1666—2.º COCHE D. PEDRO II, DE 1687—3.º COCHE D. JOÃO V, DE 1708—4.º COCHE D. JOÃO V, DE 1727—5.º COCHE D. JOSÉ, DE 1750
6.º COCHE PEDRO II TAMBEM CHAMADO DE D. FERNANDO—7.º COCHE MANDADO FAZER POR D. JOÃO V PARA SEU IRMÃO D. FRANCISCO—8.º COCHE DO TEMPO DOS FILIPPES

SUA MAGESTADE A RAINHA MARIA CHRISTINA

SS. AA. RR. AS INFANTAS D. IZABEL E D. EULALIA DE BOURBON, TIAS DE S. M. CATHOLICA

S. A. R. A INFANTA D. MARIA THEREZA, IRMÃ DE S. M. CATHOLICA

O PRINCIPE E A PRINCEZA DAS ASTURIAS COM SEUS FILHOS, SOBRINHOS DE EL-REI

OS NOVOS PEREGRINOS

Por MARK TWAIN, trad. do original por Alberto Telles

Publica-se aqui um periodico em lingua ingleza — *O arauto do Levante* — e ha geralmente muitos jornaes gregos e alguns francezes, que principiam e acabam, luctando por viver, e cahindo novamente. Os jornaes não são sympathicos ao governo do sultão, que nada percebe de jornalismo. Diz o proverbio: «O ignoto é sempre grande.» Para a côrte, o jornal é uma instituição mysteriosa e infame. Sabem que peste isso é, porque uma vez por outra succede ter uma extracção de 2:000 exemplares por dia, e consideram o jornal como uma fórma benigna da peste. Quando se descaminha, supprimem-no — cahem-lhe em cima sem aviso previo e estrangulam-no. Quando elle se não descaminha durante muito tempo, tornam-se desconfiados e esmagam-no de qualquer fórma, porque entendem de si para comsigo que é uma machinação diabolica. Imaginae o grão vizir em solemne conselho com os magnates do reino, abrindo o seu caminho atravez da odiada gazeta, e dando, finalmente, a sua profunda deliberação: «Isto significa damno — é muito escuramente e muito duvidosamente insuspeito — supprima-se! Avise-se o impressor de que se não consente isso; e vá o redactor para a cadeia.»

A industria dos jornaes teem inconvenientes em Constantinopla. Dois jornaes gregos e um francez foram uma vez aqui supprimidos, com o intervallo apenas de dias um do outro. Nenhuma victoria dos cretenses se consentiu que fosse divulgada pela imprensa. De quando em quando o grão-vizir manda ás differentes redacções a noticia de que a insurreição de Creta está completamente acabada, e, embora o redactor saiba que tal cousa assim não é, tem que imprimir a noticia. *O arauto do Levante* é demasiado amigo de falar com louvor dos americanos, para ser bem visto do sultão, que não gosta da nossa sympathia pelos cretenses, e por consequencia aquelle jornal tem de ser particularmente circumspecto para não passar trabalhos. De uma vez a redacção, olvidando a noticia official, que vinha no periodico, de que os cretenses haviam soffrido uma derrota, publicou uma carta de mui diverso teor, do consul americano em Creta, pelo que foi multado em duzentos e cincoenta dollars. N'uma palavra, publicou outra carta da mesma origem e por esse facto esteve detido na cadeia tres mezes. Creio que poderia obter o auxilio da redacção do *Levante*, mas verei se posso passar sem elle.

Supprimir aqui um jornal importa quasi a ruina do editor. Mas creio que em Napoles se especula com os revezes d'essa natureza. Lá todos os dias se supprimem jornaes, que se publicam no dia immediato com outro titulo. Durante os dez ou quinze dias que estivemos n'aquella cidade foi morto um jornal, que resuscitou duas vezes. Os rapazitos empregados na venda dos jornaes são espertos, ali como em toda a parte. Tiram vantagem das fraquezas populares. Quando percebem que não é provavel terem compradores, chegam-se mysteriosamente a uma pessoa e dizem em voz baixa: — «Sahiu agora mesmo; preço dobrado; o jornal foi n'este instante supprimido.» — O transeunte compra-o, já se vê, e nada encontra n'elle. Dizem — mas não affirmo — que ás vezes se tira uma grande edição de um jornal, com um furibundo artigo sedicioso, distribue-se rapidamente pelos rapazes e exgota-se até arrefecer a indignação do governo. Dá bom dinheiro. O confisco não vale nada. Typos e prelos não merecem a pena da apprehensão.

Em Napoles ha só um jornal inglez. Tem setenta assignantes. O editor vae enriquecendo...

Nunca precisarei de outro *lunch* turco. Os preparativos para o *lunch* estavam na pequena sala d'este, proximo do bazar, com as portas abertas para a rua. O cosinheiro era pouco asseado, e a mesa egualmente, sem toalha. O homem pegou de uma porção de carne mettida em môlho, passou-lhe em volta um arame e pôl-a a assar n'um lume de carvão de lenha. Quando estava prompta, collocou-a de lado, e um triste cão entrou e mordeu n'ella. Cheirou-a primeiro, e provavelmente reconheceu os restos de um amigo. O cozinheiro tirou-a de ao pé d'elle, e a poz deante de nós. Jack disse «Passo» — joga o solo algumas vezes — e todos nós a passámos; correu a roda. O cozinheiro em seguida preparou um bolo, largo e chato, de farinha de trigo, ensopou-o bem no môlho, e vinha trazel-o para nós comermos, mas, como cahisse no chão, elle apanhou-o, limpou-o aos calções e pôl-o deante de nós. Jack disse: «Passo». Todos passámos. Deitou uns ovos n'uma frigideira e quedou-se pensativo a esgaravatar com um garfo migalhas de carne d'entre os dentes. Serviu-se depois do mesmo garfo para voltar os ovos — e veiu com elles por ahi fóra. Jack disse: «Passo ainda.» Todos o seguimos. Não sabendo o que haviamos de fazer, pedimos segunda dose de carne estufada. O cozinheiro foi buscar o arame, ageitou uma porção adequada de carne, extendeu-a nas mãos e deu principio á tarefa. D'esta vez, por um só impulso, todos passámos. Pagámos e sahimos. Eis tudo o que pude colher acêrca de *lunchs* turcos. Um *lunch* turco é, sem duvida, bom, mas tem de fazer-se-lhe algum desconto.

Quando penso em como tenho sido enganado pelos livros de viagens no Oriente, preciso de um viajante para o almoço. Annos e annos sonhei com as maravilhas do banho turco; annos e annos prometti a mim mesmo que ainda gosaria um. Muitas e muitas vezes, na minha imaginação, me deitei na tina de marmore, e aspirei a soporifera fragrancia das especiarias orientaes que enchiam o ambiente; passava depois a um processo mystico e complicado de puxões e empurrões, de molhar e esfregar, junto de uma malta de selvagens nus, que atravez da neblina do vapor avultavam vagamente como demonios; em seguida, descançava n'um divan digno de um rei; passava então a outra prova complexa, e mais temerosa que a primeira; e, finalmente, envolto em brandos tecidos, era transportado a um salão principesco e deposto n'uma cama de pennas, onde eunucos, ricamente vestidos, me abanavam com leques, emquanto eu adormecia e sonhava, ou alegre contemplava admirado os ricos adornos do aposento, os tapetes macios, a mobilia sumptuosa, os quadros, e tomava delicioso café, fumava o inebriante narguillé e cahia, por fim, em tranquillo repouso, entorpecido pelos brandos aromas de perfumadores invisiveis, pelo suave influxo do tabaco persa do narguillé e pela musica das fontes, que simulavam o cahir da chuva de verão.

Tal era o quadro, exactamente como o eu tirei dos incendiarios livros de viagens. Misera e deploravel impostura! A realidade parece-se tanto com elle como o passeio de S. Gil com o paraiso terreal. Receberam-me n'um grande pateo, lageado de marmore; em redor havia largas galerias, umas sobre outras, atapetadas de esteiras usadas, com balaustradas por pintar, e guarnecidas de enormes cadeiras enfezadas, almofadadas com colchões muito velhos, amolgados com os signaes que ficaram das fórmas de nove successivas gerações de homens, que tinham descançado n'elles. O sitio era amplo, nu e triste; o pateo um celleiro, as galerias accommodação para cavallos humanos. Os servos, meio nus e cadavericos, que havia no estabelecimento, não tinham no seu aspecto nada de poesia, nada de romance, nada de esplendor oriental. Não exhalavam nenhuns perfumes estonteadores — antes muito pelo contrario. Seus olhos famintos e membros descarnados suggeriam constantemente um facto evidente e nada sentimental — o que elles precisavam era de pão para a bocca.

Entrei para uma casa de tratos e despi-me. Um esfomeado pouco limpo envolveu o tronco n'um vistoso panno de mesa e dependuron-me dos hombros um trapo branco. Se ali houvesse uma tina, era natural que tomasse banho. Fui então conduzido por uma escada abaixo para o pateo humido e escorregadio, e a primeira cousa que attrahiu a minha attenção foram os meus calcanhares. A minha quéda não provocou commentarios. Esperavam-na, sem duvida. Estava comprehendida no rol das brandas e meigas influencias peculiares a esta casa de luxo oriental. Foi bastante suave, de certo, mas a sua applicação não foi feliz. Agora deram-me um par de tamancos — bancos em miniatura, com tiras de couro pegadas para me segurar os pés (o que deveriam ter feito, se não me ficassem muito grandes). Incommodamente se me penduravam dos pés pelas correias, quando os levantava, e iam parar não sabia onde, quando os tornava a pôr no chão, sendo que algumas vezes se voltavam e me desarticulavam os tornozelos. Não obstante, tudo isso era luxo, e fiz quanto pude para o gosar.

Collocaram-me n'outro ponto do celleiro e estenderam-me n'uma especie de fofa enxerga, que não era de estofo com fio de ouro ou de chales da Persia, mas simplesmente a modesta especie de cousa que eu tinha visto nos bairros negros de Arkansas. Nada mais havia n'esse lobrego carcere de marmore senão cinco d'esses esquifes mais. Era uma estancia muito solemne. Esperava eu que os perfumes da Arabia iriam insinuar-se docemente nos meus sentidos, mas não succedeu assim. Um esqueleto

de côr de cobre, com um trapo em volta de si, trouxe-me um vaso de vidro com agua, em cima um cachimbo acceso, e um tubo flexivel do comprimento de uma jarda, com uma boquilha de latão.

Era o famoso «narguillé» do Oriente—aquillo por onde o grão turco fuma nos quadros. Isto principiava a dar ares de luxo. Tomei uma fumaça e foi sufficiente; o fumo penetrou-me em grande volume no estomago, nos pulmões, até nos reconditos do meu organismo. Explodi um arranco de tosse violenta e foi como se o Vesuvio tivesse começado em elaboração. Nos primeiros cinco minutos eu fumava por todos os póros, semelhante a uma casa em cujo interior pegou o fogo. Nada de mais «narguillé» para mim. Ruim gosto tinha o fumo, e o das mil linguas de infieis que haviam estado em contacto com a boquilha era ainda mais ruim. Ia desanimando. Sempre, depois d'isso, que vejo o grão turco, de pernas encruzadas, a fumar pelo seu «narguillé», na capa de papel de tabaco do Connecticut, hei de reconhecel-o como descarado embaidor que é.

Este carcere estava cheio de ar muito quente. Quando aqueci bastante para me preparar para uma temperatura ainda mais quente, levaram-me para onde era—uma sala de marmore, humida, escorregadia e cheia de vapor, e puzeram-me n'uma elevada platafórma ao centro. Estava ali muito calor. Immediatamente o homem que me acompanhava assentou-me junto de um reservatorio de agua muito quente, molhou-me bastante, enfiou a mão n'uma mitene aspera e começou a dar-me polimento com ella por todo o corpo. Comecei a cheirar desagradavelmente. Quanto mais elle polia, peor cheirava. Era assustador. Disse-lhe:

—Percebo que isto está muito adeantado. E' claro que devo ser enterrado sem mais delongas desnecessarias. Talvez fosse melhor irdes immediatamente procurar os meus amigos, porque o tempo está quente e não posso «aturar» mais.

Continuou a friccionar, sem dar attenção ás minhas palavras. Em breve reconheci que me diminuia o volume do corpo. Esfregava com força com a mitene, e por baixo formavam-se pequenos cylindros, semelhantes a macarronete. Sujos não podiam ser, porque eram muito alvos. D'este modo me foi aparando ou desbastando por longo tempo. Finalmente, disse-lhe:

—Este processo é enfadonho. Ha de levar horas a reduzir-me á dimensão que quereis; espero aqui, emquanto me ides buscar uma plaina.

Não fez caso nenhum.

D'ahi a pouco trouxe uma bacia, sabonete e qualquer cousa semelhante á cauda de um cavallo. Fez uma immensa quantidade de agua de sabão e com ella me inundou desde a cabeça até aos pés, sem me prevenir que fechasse os olhos, e depois esfregou-me desesperadamente com a cauda de cavallo. Ali me deixou então, estatua alvinitente de espuma, e foi-se embora. Farto de esperar, fui á cata d'elle. Estava encostado contra a parede, n'outra sala, a dormir. Acordei-o. Não se ralou. Voltou commigo, e cobriu-me de agua muito quente, em seguida poz-me um turbante na cabeça, embrulhou-me em toalhas de mesa enxutas, levou-me para uma capoeira gradeada de madeira n'uma das galerias, e apontou-me para uma das taes camas de Arkansas. Subi para ella e de novo esperei vagamente os perfumes da Arabia. Ainda d'esta vez não vieram.

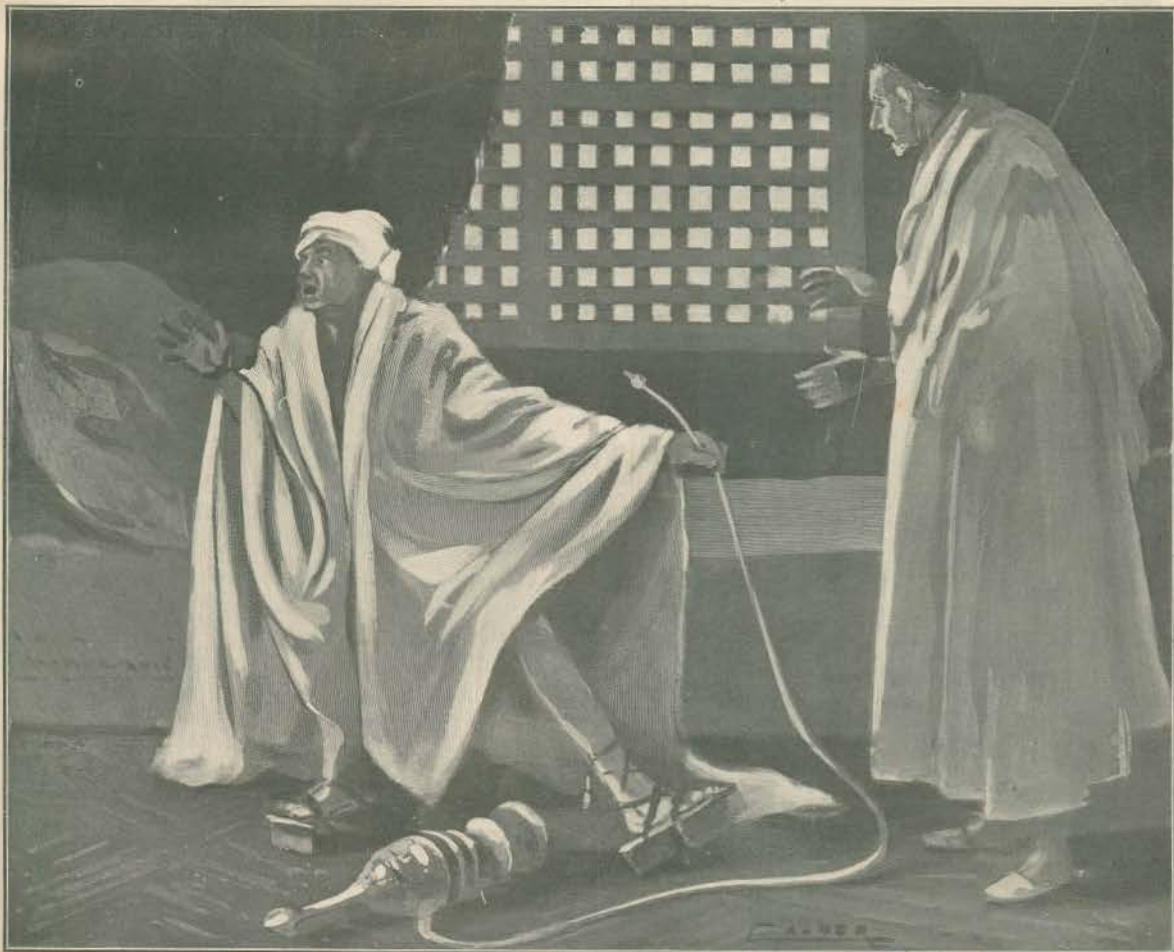
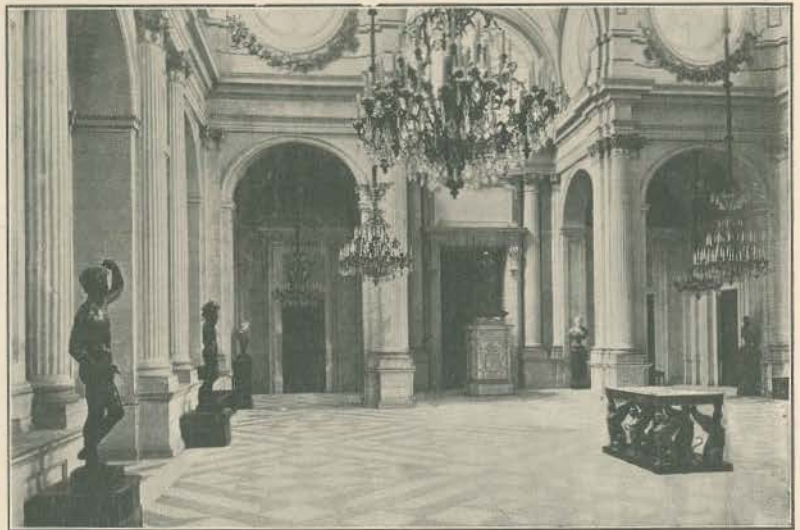
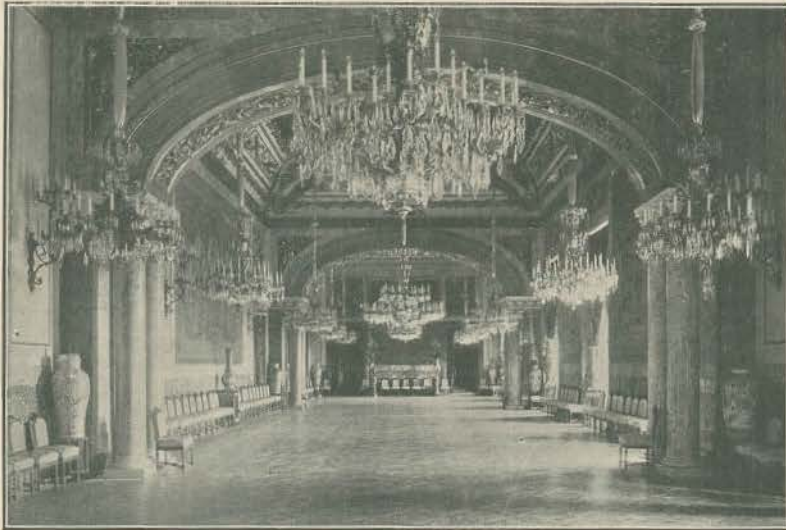
A desornamentada capoeira nada possuia d'essa voluptuosidade oriental de que tanta cousa temos lido. Era mais suggestiva de hospital de provincia que de outra cousa. O descarnado servo trouxe um narguillé, e eu fiz que elle o levasse outra vez pelo mesmo caminho, sem perda de tempo. Trouxe depois o café turco, de reputação universal, que os poetas teem cantado tão arrebatadamente durante muitas gerações, e agarrei-me a elle como derradeira esperança dos meus antigos sonhos de luxo oriental. Pois era outra fraude. De todas as beberragens pagãs que jámais me passaram pelos labios o café turco é a peor. A chavena é pequena, manchada de fezes; o café é negro, espesso, sem bom aroma e o gosto execrando. O fundo da chavena tem um sedimento vasoso de meia pollegada de profundidade. Ora, isso desce pela garganta e no trajecto adhere em varias porções, produzindo uma irritação picante, que faz guinchar e tossir por espaço de uma hora.

Acaba aqui a minha experiencia do celebrado banho turco, e aqui tambem acaba o meu sonho da beatitude que experimenta quem o toma. E' um logro desaforado. Todo aquelle que gosa com elle está habilitado a gosar seja o que for repellente á vista e aos sentidos, e quem o reveste com o encanto da poesia tambem pode fazer o mesmo com outra qualquer cousa d'este mundo, enfadonha, miseravel e suja.

IV

Navegando pelo Bosphoro e pelo Mar Negro.—*Far-Away Moses*.— A melancholica Sebastopol.— Recebidos com hospitalidade na Russia.—Agradavel gente ingleza.— Lucta desesperada.—Caça ás reliquias.—De como os viajantes formam «gabinetes».

Deixámos doze passageiros em Constantinopla e fomos pelo bello Bosphoro avante até ao mar Negro. Deixámo-los nas garras do celebre guia turco *Far-Away Moses*, que os ha de induzir a comprar, em tanta porção que chegue para carregar um navio, essencia de rosas, esplendidos trajos turcos, e toda a sorte de curiosidades, que nunca lhes hão de servir para nada. Fizeram menção do nome de Far-Away-Moses os apreciaveis livros guias de Murray, e é uma reputação feita. Todos os dias elle se revê no facto de ser uma celebridade reconhecida. Desde que não olha a despezas, com os vistosos calções, em fórma de sacco, as chinellas amarellas e ponteagudas, o fez côr de fogo, a véstia de seda azul, o cinto volumoso de estofo persa recheado de uma bateria de pistolas de cavallaria engastadas em prata, e cingiu a sua terrivel cimitarra, considera indizivel humilhação ser chamado Ferguson. Mas não tem outro remedio. Para nós todos os guias são necessariamente Fergusons, por não podermos apprender os seus terriveis nomes extrangeiros.

 (Continúa.)

O GRANDE SALÃO DAS FESTAS NO PAÇO REAL DE MADRID
O COCHE DO MUNDO QUE SERVE NAS FESTAS DE GALA

A SALA DAS COLUMNAS NO PAÇO REAL DE MADRID
O COCHE DE JOANNA A LOUCA